



Feijão

Cultivo de Feijão-Caupi

Dados Sistema de Produção

Embrapa MeioNorte

Sistema de Produção, 2

ISSN 1678-8818 2

Embrapa Amazônia Ocidental

Sistema de Produção, 2

ISSN 1679-8880 2

Embrapa Agrobiologia

Sistema de Produção, 4

ISSN 1806-2830 4

Versão Eletrônica

2ª edição | Jan/2017

Sumário

Mercados e comercialização



Cultivo de Feijão-Caupi

Mercados e comercialização

Francisco Rodrigues Freire Filho

Maurisrael de Moura Rocha

Kaesel Jackson Damasceno e Silva

O mercado do feijão-caupi ainda se restringe a grãos secos, grãos verdes (hidratados) e sementes, havendo já algumas iniciativas para o processamento industrial de caupi para produção de farinha e produtos pré-cozidos e congelados. O mercado do caupi ainda tem contornos regionais, concentrando-se, principalmente, nas regiões Nordeste e Norte. Entretanto, há indícios de certa expansão da cultura na região Sudeste, principalmente no norte de Minas Gerais e Rio de Janeiro, predominando nesses estados o grão da subclasse Fradinho.

A comercialização do feijão-caupi, tradicionalmente, segue os seguintes passos: produtores, intermediários e cerealistas. Entre os cerealistas, há alguns que fazem um beneficiamento adicional e empacotamento dos grãos.

No Brasil podem-se identificar três segmentos de mercado para o feijão-caupi, já bem-estabelecidos: grãos secos, feijão-verde (vagem verde ou grão verde debulhado) e sementes. O mercado de feijão processado industrialmente está em fase inicial. No mercado de grãos secos, nas regiões Norte e Nordeste, o feijão-comum e o feijão-caupi, embora não competindo no campo, competem por mercado e sempre que há uma queda na oferta de feijão-caupi, o mercado é suprido por feijão-comum de outras regiões do País e, às vezes, importado.

Estima-se que nas regiões Norte e Nordeste haja um deficit permanente de oferta de feijão-caupi, respectivamente, de 17.576,7 t e 102.281,3 t. Já na região Centro-Oeste, onde o cultivo do feijão-caupi ainda está se expandindo, há um grande superávit. Nas regiões Norte e Nordeste, onde há um deficit, o feijão-comum, geralmente trazido de outras regiões, vem ocupando cada vez mais espaço no mercado. Ressalta-se que nas regiões Sudeste e Centro-Oeste são cultivadas três safras de feijão-comum (safra das águas, da seca e de inverno/irrigada) e na região Sul, duas safras (das águas e da seca), enquanto na região Norte é cultivada somente a que corresponde à safra das secas (fim do período chuvoso da região) e na região Nordeste, praticamente, só é cultivada a safra das águas, pois a safra irrigada ainda é muito pequena. Na verdade, esse quadro se traduz em oportunidade para os produtores de feijão-caupi das regiões Norte e Nordeste, que, com a ampliação da safra irrigada, podem vir a ocupar maior espaço no mercado.

dessas regiões e buscar espaço no mercado em outras regiões do País.

O feijão-verde é um segmento de mercado importante, sobre o qual, entretanto, se dispõe de poucas informações. Tanto a produção quanto a comercialização ocorrem em torno dos centros urbanos. Em razão de seu sistema de produção exigir muito trabalho manual, principalmente na colheita, é um mercado onde predomina a agricultura familiar. As vagens verdes e os grãos verdes a granel são comercializados em feiras livres. Já o feijão debulhado e embalado é comercializado em mercearias e supermercados. É um produto que apresenta preços atrativos e constitui uma importante opção de negócio, inclusive com possibilidade de avanços no processamento industrial do produto, como resfriamento, congelamento e enlatamento (ANDRADE et al., 2010; KRUTMAN et al., 1971; ROCHA, 2009).

O segmento de mercado referente a sementes é também muito promissor. Na região Norte, a demanda potencial estimada é de 1.364,1 toneladas, na região Nordeste é de 32.241,2 toneladas e na Centro-Oeste, considerando-se a área plantada em 2009, é de 4.954,9 toneladas. Contudo o uso de semente certificada ainda é muito baixo, com exceção da região Centro-Oeste, que usa semente certificada em quase toda a área plantada. Nas regiões Norte e Nordeste, esse uso é estimado em torno de 10%. Salienta-se que esse é um mercado que está crescendo e avançando quanto à organização, já havendo produtores de sementes de feijão-caupi nas três regiões mencionadas e associação de produtores de sementes em vários estados.

O feijão-caupi ocorre em mais de 100 países (COHEN et al., 1991) e é cultivado em regiões tropicais e subtropicais da África, Ásia, América, Europa e Oceania. No Brasil, vem passando por grandes mudanças, tanto no setor produtivo, com a expansão do cultivo para outras regiões do País, quanto no setor comercial, com a entrada do produto em novos mercados do País e do exterior e com o início do processamento industrial. Frisa-se que já há alguns países com tradição na exportação de feijão-caupi, e agora o Brasil está buscando uma fatia desse mercado. O mercado importador ainda não é bem conhecido pelas empresas brasileiras, entretanto há alguns países, tradicionalmente importadores, que constituem uma importante opção de mercado para o Brasil. Contudo, sabe-se muito pouco sobre as exigências desse mercado quanto ao tipo de grão, principalmente em relação aos países asiáticos.

Ressalta-se que, além da cor e do tamanho do grão, as características dos anéis do hilo e do halo, como tamanho e cor, são muito importantes, como também tipo de tegumento, que alguns países preferem liso e outros, rugoso.

O Brasil começou a exportar feijão-caupi em torno de 2007. Inicialmente, exportou para o Canadá, Portugal, Israel, Turquia e Índia, e foi constatado que há um mercado muito maior para a cultura. Para entrarem e consolidarem posição, os produtores de feijão-caupi devem dar mais atenção às exigências desse mercado quanto ao tipo de grão e à qualidade do produto, os quais são de fundamental importância tanto para a conquista de novos mercados no País, quanto para a conquista e consolidação de posição no mercado externo. Coulibaly e Lowenberg-DeBoer (2002) chamaram a atenção para o fato de que o conhecimento das preferências do consumidor é essencial para desenvolver novos mercados e que os melhoristas devem saber que características são desejadas pelo consumidor.

Autores deste tópico: KAESEL JACKSON DAMASCENO E SILVA, Maurisrael de Moura Rocha, Francisco Rodrigues Freire Filho

Todos os autores

ADAO CABRAL DAS NEVES

adao.neves@embrapa.br

Aderson Soares de Andrade Júnior

Engenheiro Agrônomo, Dr. Pesquisador da Embrapa MeioNorte

aderson.andrade@embrapa.br

Antônio Apoliano dos Santos

Engenheiro Agrônomo, M.sc. da Embrapa Agroindústria Tropical

emailcriar@email.com

Candido Athayde Sobrinho

Engenheiro Agrônomo, M.sc. Pesquisador da Embrapa MeioNorte

candido.athayde@embrapa.br

CARLOS CESAR PEREIRA NOGUEIRA

cesar.nogueira@embrapa.br

Edson Alves Bastos

Engenheiro Agrônomo, Dr. Pesquisador da Embrapa MeioNorte

edson.bastos@embrapa.br

Francisco de Brito Melo

Engenheiro Agrônomo, M.sc. Pesquisador da Embrapa MeioNorte

francisco.brito@embrapa.br

Francisco Marto Pinto Viana

Engenheiro Agrônomo, Dr. Pesquisador da Embrapa Agroindústria Tropical

marto.viana@embrapa.br

Francisco Rodrigues Freire Filho

Engenheiro Agrônomo, Dr. Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental

francisco.freire-filho@embrapa.br

GUSTAVO RIBEIRO XAVIER

gustavo.xavier@embrapa.br

INOCENCIO JUNIOR DE OLIVEIRA

inocencio.oliveira@embrapa.br

Jerri Edson Zilli

Licenciado Em Ciências Agrícolas, dsc. em agronomia/ciência do solo, pesquisador da Embrapa Roraima

jerri.zilli@embrapa.br

Jociclé da Silva Carneiro

Engenheiro Agrônomo, M.sc. da Embrapa MeioNorte
cadastraremail@cadastrar.com

JOSE ANGELO NOGUEIRA DE M JUNIOR

jose-angelo.junior@embrapa.br

JOSE ROBERTO ANTONIOL FONTES

jose.roberto@embrapa.br

KAESEL JACKSON DAMASCENO E SILVA

kaesel.damasceno@embrapa.br

Lindete Míria Vieira Martins

Engenheira Agrônoma , Doutorado Em Agronomia e Ciências do Solo (ufrj) , Microbiologia do Solo
lmvmartins@uneb.br

Maurisrael de Moura Rocha

Engenheiro Agrônomo, Dr. Pesquisador da Embrapa MeioNorte
maurisrael.rocha@embrapa.br

Milton Jose Cardoso

Engenheiro Agrônomo, Dr. Pesquisador da Embrapa MeioNorte
milton.cardoso@embrapa.br

NORMA GOUVEA RUMJANEK

norma.rumjanek@embrapa.br

PAULO FERNANDO DE MELO JORGE VIEIRA

paulofernando.vieira@embrapa.br

Paulo Henrique Soares da Silva

Engenheiro Agrônomo, Dr. Pesquisador da Embrapa MeioNorte
paulo.soares-silva@embrapa.br

ROSA MARIA CARDOSO M DE ALCANTARA

rosa.m.mota@embrapa.br

Valdenir Queiroz Ribeiro

Engenheiro Agrônomo, M.sc. Pesquisador da Embrapa MeioNorte
valdenir.queiroz@embrapa.br

Expediente

Embrapa MeioNorte

Comitê de publicações

Jefferson Francisco Alves Legat
Presidente

Jeudys Araújo de Oliveira
Secretário executivo

Ligia Maria Rolim Bandeira
Flavio Favaro Blanco
Luciana Pereira dos S Fernandes
Orlane da Silva Maia
Humberto Umbelino de Sousa
Pedro Rodrigues de Araujo Neto
Carolina Rodrigues de Araujo
Danielle Maria Machado Ribeiro Azevedo
Karina Neob de Carvalho Castro
Francisco das Chagas Monteiro
Francisco de Brito Melo
Maria Teresa do Rêgo Lopes
José Almeida Pereira
Membros

Corpo editorial

Edson Alves Bastos
Editor(es) técnico(s)

Ligia Maria Rolim Bandeira
Revisor(es) de texto

Orlane da Silva Maia
Normalização bibliográfica

Jorimá Marques Ferreira
Editoração eletrônica

Embrapa Informação Tecnológica

Fernando do Amaral Pereira
Coordenação editorial

Corpo técnico

Claudia Brandão Mattos

Embrapa Informática Agropecuária

José Gilberto Jardine
Coordenação técnica

Corpo técnico

Adriana Delfino dos Santos

José Ilton Soares Barbosa
Supervisão editorial

Karla Ignês Corvino Silva
Projeto gráfico

Publicação eletrônica

Carla Geovana do N. Macário
Suporte computacional

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa
Todos os direitos reservados, conforme [Lei nº 9.610](#)

Embrapa Informação Tecnológica

Fone: (61) 3448-4162 / 3448-4155 Fax: (61) 3272-4168